

O reacionarismo religioso e o neofascismo no Brasil: uma explicação sobre a tentativa de golpe de Estado no Brasil

Gerson Leite de Moraes ¹

RESUMEN

No dia 08 de janeiro de 2023, a democracia no Brasil sofreu uma tentativa de golpe de Estado. Em Brasília, capital federal, prédios dos Três Poderes constitucionais foram depredados e incendiados por uma turba raivosa, que durante anos foi alimentada pelo discurso de ódio, veiculado por fake News propagadas por um exército de robôs nas redes sociais, por grupos midiáticos financiados pela extrema-direita e, principalmente, pelos púlpitos de várias igrejas evangélicas. Entre os golpistas instalados indevidamente nos prédios dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, foi possível observar pessoas orando e cantando louvores a Deus pelo suposto sucesso do ato golpista. Tratava-se em sua maioria, de evangélicos, grupo religioso brasileiro, que de maneira majoritária deu apoio ao governo neofascista do ex-presidente, Jair Bolsonaro. O presente trabalho tem por objetivo descrever a relação entre alguns segmentos evangélicos brasileiros e o governo Bolsonaro, no período entre 2019-2022. A consolidação do discurso fundamentalista no Brasil, associado a interesses financeiros de líderes religiosos com penetração midiática (televangelistas e influencers), criou o ambiente favorável para a perpetuação de uma mentalidade reacionária. É objetivo deste trabalho ainda, mapear e descrever o reacionarismo como algo distinto do pensamento conservador tradicional. Pode-se afirmar que os reacionários descobriram que a nostalgia é uma fonte de motivação política, talvez mais poderosa que a esperança de mudanças. O passado idílico é uma fonte de inspiração e uma força que tenta impedir a qualquer custo que a modernidade promova suas mudanças nos campos político, cultural e dos costumes. O reacionarismo e o neofascismo somaram esforços no Brasil e as igrejas evangélicas foram os espaços privilegiados para o encontro destas mentalidades altamente perigosas para a democracia no país.

Palavras-chave: Bolsonarismo; Golpe de Estado; Reacionarismo; Igrejas Evangélicas; Fundamentalismo.

¹ Historiador, Teólogo e Filósofo. Licenciado em História pela UNAR, Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Bacharel e Licenciado em Filosofia pela FFLCH/USP. Mestre em Filosofia pela PUCCAMP, Doutor em Ciências da Religião pela PUCSP e Doutor em Filosofia pelo IFCH/UNICAMP. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Líder do grupo de Pesquisa REMEMORA (Religião, Memória e Cultura).

Religious reactionaryism and neo-fascism in Brazil: an explanation of the attempted coup d'état in Brazil

ABSTRACT

On January 8, 2023, democracy in Brazil suffered an attempted coup d'état. In Brasília, the federal capital, buildings of the three constitutional powers were vandalized and set on fire by an angry mob, which for years was fueled by hate speech, disseminated by fake news propagated by an army of robots on social networks, by media groups financed by the extreme-right and, mainly, through the pulpits of several evangelical churches. Among the coup plotters improperly installed in the buildings of the Executive, Legislative and Judiciary branches, it was possible to observe people praying and singing praises to God for the supposed success of the coup plot. They were mostly evangelicals, a Brazilian religious group, which overwhelmingly supported the neo-fascist government of the former president, Jair Bolsonaro. The present work aims to describe the relationship between some Brazilian evangelical segments and the Bolsonaro government, in the period between 2019-2022. The consolidation of the fundamentalist discourse in Brazil, associated with the financial interests of religious leaders with media penetration (televangelists and influencers), created a favorable environment for the perpetuation of a reactionary mentality. It is also the objective of this work to map and describe reactionism as something distinct from traditional conservative thought. It can be argued that reactionaries discovered that nostalgia is a source of political motivation, perhaps more powerful than the hope for change. The idyllic past is a source of inspiration and a force that tries to prevent modernity from promoting changes in the political, cultural and customary fields at any cost. Reactionaryism and neo-fascism joined forces in Brazil and evangelical churches were the privileged spaces for the encounter of these mentalities that were highly dangerous for democracy in the country.

Keywords: Bolsonarism; Coup d'état; Reactionism; Evangelical Churches; Fundamentalism.

Introdução

No dia 08 de fevereiro de 2024, ocorreu uma operação da Polícia Federal, denominada *Tempus Veritatis* (Hora da Verdade), que prendeu preventivamente quatro homens – dois oficiais militares e dois auxiliares diretos do ex-presidente da República, Jair Messias Bolsonaro. Na ocasião, generais do Exército, outros oficiais das Forças Armadas do Brasil e políticos, foram alvos de busca e apreensão de computadores, celulares e materiais pessoais, que pudessem auxiliar na compreensão da orquestração dos episódios que antecederam o fatídico 08 de janeiro de 2023, dia em que o Estado Democrático de Direito no Brasil sofreu uma tentativa de golpe de Estado. Na mesma operação, Jair Bolsonaro teve o seu passaporte apreendido. No final daquela manhã, o site do Supremo Tribunal Federal (STF) publicava a decisão do Ministro Alexandre de Moraes, que atendeu o pedido da Polícia Federal e acolheu o parecer favorável

da Procuradoria-Geral da República (PGR) para que fossem cumpridas as prisões, além das buscas e apreensões.

Na decisão, há a transcrição de parte de uma reunião ministerial datada de 05 de julho de 2022, que segundo o ministro Alexandre de Moraes, revelava o “arranjo de dinâmica golpista, no âmbito da alta cúpula do governo, manifestando-se todos os investigados que dela tomaram parte no sentido de validar e amplificar a massiva desinformação e as narrativas fraudulentas sobre as eleições e a Justiça Eleitoral”. A mencionada reunião estava armazenada no computador do antigo Ajudante de Ordens do ex-presidente, o tenente-coronel Mauro Cid, que após ficar preso por alguns meses, resolveu fazer uma delação premiada e expôs todas as falcaturas do antigo governo.

No dia seguinte, o vídeo da reunião ministerial, que mais parecia a reunião de uma ORCRIM (Organização Criminosa), foi liberado na íntegra. Entre as muitas barbaridades ali encontradas, pode-se destacar para o nosso propósito aqui, uma fala do ex-presidente Bolsonaro. Entre muitos palavrões, que não precisam ser repetidos, ele disse: “Como que um cara como eu ganha as eleições (2018)? Como um deputado do baixo clero, escrotizado (*sic*) dentro da Câmara, sacaneado, gozado, ganha as eleições?”

Certamente há muitos fatores que explicam a vitória de Bolsonaro e, conseqüentemente a chegada do neofascismo ao poder no Brasil em 2018, passaríamos dias escrevendo a respeito, mas nos interessa começar a responder à pergunta retórica feita por Bolsonaro, apontando para o apoio massivo das igrejas evangélicas à candidatura de um deputado medíocre, apoiador da Ditadura Militar e fã incondicional do maior torturador que Brasil já teve, o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra (1932-2015). Certamente o apoio e os votos dos evangélicos foram decisivos para sua vitória, calcula-se que ele tenha recebido entre 75% e 80% dos votos deste segmento nas eleições de 2018. Sua chegada ao poder consolidou a construção da imagem de “ungido” de Deus para comandar uma nação, que num período de quarenta anos viu o crescimento exponencial do número de evangélicos.

A união vitoriosa, do ponto de vista político, entre a extrema-direita brasileira e os evangélicos, teve uma série de percalços ao longo dos quatro anos de mandato de Bolsonaro (2019-2022). A aliança entre eles se mostrou ainda mais perversa quando foi necessário enfrentar a pandemia do coronavírus. Bolsonaro adotou um discurso negacionista, antivacina, estimulou remédio

sem eficácia alguma para combater o vírus e seu governo foi acusado por uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) de pedir propina para a aquisição de vacinas da AstraZeneca, além de debochar inúmeras vezes dos infectados e mortos pela COVID-19. Apesar de todos os absurdos, era comum que líderes e membros das maiores igrejas pentecostais do Brasil e de denominações menores, se manifestassem através das mídias, defendendo as sandices ditas pelo ex-presidente. Pode-se dizer que as igrejas evangélicas, com raras exceções, foram cúmplices e, portanto, sócias de um genocídio no Brasil, que ceifou a vida de mais de 700 mil brasileiros.

Mesmo depois de serem arrastados para um lamaçal de cadáveres, os evangélicos não abandonaram sua “nova divindade”, apoiando-o integralmente nas eleições de 2022, auxiliando inclusive na propagação de *fake News*, como a que dizia que o candidato Luiz Inacio Lula da Silva iria fechar as igrejas e implantar o “comunismo” no país. Como todas as pesquisas de institutos sérios apontavam a vitória de Lula no pleito de outubro, meses antes, Bolsonaro e seu entorno começaram a planejar um golpe de Estado, que depois de vários episódios (bloqueios de estradas, acampamentos golpistas nas frentes dos quartéis, tentativa de invasão da sede da Polícia Federal, queima de carros e ônibus em Brasília no dia da diplomação de Lula e tentativa de explosão de uma bomba no aeroporto em Brasília), teve o seu desfecho no dia 08 de janeiro de 2023, quando os prédios dos Três Poderes da República foram destruídos por uma turba de baderneiros e terroristas. Em todos estes episódios havia a presença de religiosos, promovendo seus atos como se estivessem louvando a Deus e cumprindo uma missão dada por ele. O propósito neste trabalho é compreender como tal aliança foi possível. Como a igreja evangélica no Brasil foi capaz de mergulhar num projeto político de extrema-direita? Qual teologia os envenenou?

Para a responder a estes questionamentos, será preciso começar analisando as relações entre o fundamentalismo e o reacionarismo no Brasil, na sequência apontar as nuances da batalha espiritual e como isto se ajustou perfeitamente ao discurso neofascista de Bolsonaro.

1. Fundamentalismo e o reacionarismo no Brasil

O fundamentalismo religioso deitou raízes nas igrejas evangélicas brasileiras desde o início contexto da Guerra Fria. As primeiras denominações protestantes no país, nascidas ainda no século XIX, são frutos dos trabalhos

missionários de norte-americanos, o chamado protestantismo de missão criou no país igrejas com forte apego ao moralismo, que condenavam os vícios e pecados da nação como elementos decorrentes da presença católica desde os tempos do Brasil Colônia, fato que impunha às igrejas protestantes uma pregação conversionista e um combate à cultura, compreendida como degenerada e necessitando ser cristianizada. Pode-se dizer que estava ali, o germe da guerra cultural tão difundida na atualidade. Como filhas das igrejas norte-americanas, desde cedo, as igrejas evangélicas no Brasil mimetizaram o que acontecia lá. Neste sentido, pode-se afirmar que se importava o que era bom e o que era ruim dos Estados Unidos. Entre as coisas ruins, foi importado o fundamentalismo. O movimento fundamentalista religioso norte-americano tem um histórico que remete ao final do século XIX, mas que ganha nome e, portanto, identidade quando da publicação de uma série de textos, entre 1909 e 1915, intitulados *The Fundamentals – a Testemunion to the Truth* (Os fundamentais – um testemunho em favor da verdade).

Do título dessa série saiu o nome de um movimento, formado no último terço do século XIX por grupos de cristãos conservadores evangélicos. Este foi crescendo, principalmente graças ao suporte financeiro de leigos bem-estabelecidos. Temos aqui o nascimento do fundamentalismo protestante, que determinou os Estados Unidos da América do Norte e que, em pouco tempo, começou a ser exportado para outros continentes e países. Os *fundamentalistas* viam-se como contraofensiva a um modernismo que, assim diziam, havia se apossado do mundo protestante. Particularmente, esse fundamentalismo entendia-se primeiro como contraofensiva a uma Teologia orientada em método que estava interpretando os conteúdos da fé, especialmente os textos bíblicos, a partir de uma perspectiva histórico-crítica. O protestantismo, e esse era o seu pecado, estava se aliando à ciência moderna. Frente a esse modernismo, os fundamentalistas opuseram seus *fundamentals* (fundamentais). *Fundamentals* eram os conteúdos da fé, verdades absolutas e intocáveis, que deveriam ficar imunes à ciência e à relativização por meio do método histórico. Eles se valeram de terminologia muito semelhante à do catolicismo romano no final do século XIX. (Dreher, 2002: 80-81)

Tomando a modernidade em seu conjunto (racionalidade, avanços científicos e tecnológicos) como inimiga, os fundamentalistas passaram a atuar dentro dela como verdadeiros parasitas. Inseridos na modernidade, usando todos os recursos tecnológicos e científicos advindos das conquistas modernas, eles desde então, não mediram esforços para destruí-la. Obscurantistas, antimodernos e intolerantes, os fundamentalistas, lá e cá, inicialmente dirigiam suas artilharias

pesadas para o campo teológico e recebiam uma contra argumentação restrita a este campo. Paul Tillich, teólogo alemão radicado nos Estados Unidos, assim se referiu ao movimento fundamentalista

A teologia como função da igreja cristã, deve servir às necessidades dessa igreja. Um sistema teológico deve satisfazer duas necessidades básicas: a afirmação da verdade da mensagem cristã e a interpretação dessa verdade para cada nova geração. A teologia oscila entre dois polos: a verdade eterna de seu fundamento e a situação temporal em que essa verdade eterna deve ser recebida. Não são muitos os sistemas teológicos que souberam combinar perfeitamente essas duas exigências. A maioria delas ou sacrificam elementos da verdade ou não são capazes de falar ao momento atual. Alguns padecem de ambos os defeitos. Temerosos de perder a verdade eterna, identificam-na com algum trabalho teológico anterior, com conceitos e soluções tradicionais, e tentam impô-los a uma situação nova e diferente. Confundem a verdade eterna com uma expressão temporal dessa verdade. Isso se torna evidente na ortodoxia teológica europeia, conhecida nos Estados Unidos como fundamentalismo. Quando o fundamentalismo se combina com uma tendência antiteológica, como ocorre, por exemplo, em sua forma bíblicista-evangelical, a verdade teológica de ontem é defendida como uma mensagem imutável contra a verdade teológica de hoje e amanhã. O fundamentalismo deixa de entrar em contato com a situação presente, não porque fale desde além de qualquer situação, mas porque fala desde uma situação do passado. Eleva algo finito e transitório a uma validade infinita e eterna. Nesse sentido, o fundamentalismo possui traços demoníacos. Ele destrói a humilde honestidade da busca pela verdade, cria em seus seguidores pensativos uma crise de consciência e os torna fanáticos, porque são forçados a suprimir elementos da verdade dos quais têm consciência, mesmo que vaga. (Tillich, 2019: 21)

Engessando o discurso e petrificando a mensagem a ser proclamada, o fundamentalismo foi gradativamente se afastando dos avanços metodológicos nas áreas da Hermenêutica, da Linguística, da História e das demais ciências humanas. De críticas e perseguições restritas ao mundo teológico, os fundamentalistas ampliaram seu raio de ação, pois avançaram para a cultura em geral e a política. Escolhendo seus inimigos culturais a dedo, o fundamentalismo elegeu inicialmente o evolucionismo² e o marxismo como os maiores inimigos

2 Para sermos honestos, o evolucionismo não era, inicialmente, um problema para os protestantes, desde que Deus fosse o autor da empreitada, interpretação que abriu espaço para os adeptos de uma “evolução teísta”. Charles Hodge (1797-1878), importante teólogo calvinista do século XIX, professor de Teologia Exegética e Didática em Princeton e, seu discípulo e sucessor, Benjamin B. Warfield (1851-1921), comungavam dessa visão. (Cf. Petcher, 2017: 189-191)

a serem combatidos. As questões de gênero, a homossexualidade e o aborto, entraram na pauta do fundamentalismo no último terço do século XX.

Martin Dreher, numa citação anterior, comentou que o fundamentalismo nasceu por influência de grupos de cristãos conservadores evangélicos nos Estados Unidos. Hoje em dia, se houvesse a necessidade de classificar os fundamentalistas, talvez, a melhor definição seria rotulá-los como “reacionários”.

Os reacionários não são conservadores; os reacionários são obcecados pelo medo apocalíptico de entrar numa nova era de escuridão. [...] A mente reacionária é uma mente naufragada. Onde os outros veem o rio do tempo fluindo como sempre fluiu, o reacionário enxerga os destroços do paraíso à deriva. Ele é um exilado do tempo. O revolucionário vê o futuro radioso que os outros não são capazes de ver, e com isto se exalta. O reacionário imune às mentiras modernas, vê o passado em todo o seu esplendor, e também se sente exaltado. Sente-se em mais forte posição que o adversário por se julgar guardião do que de fato aconteceu, e não profeta do que poderia ser. [...] Os reacionários da nossa época descobriram que a nostalgia pode ser uma forte motivação política, talvez mais poderosa até que a esperança. As esperanças podem ser desiludidas. A nostalgia é irrefutável. (Lilla, 2018: 11-13)

Numa distinção necessária, pode-se afirmar que o conservador é aquele que quer a manutenção do que já está estabelecido, a conservação dos valores, das leis, dos costumes, exatamente do jeito que sua cosmovisão definiu como correta, afinal, ele se julga um ortodoxo que não transige com as coisas consideradas sagradas. Apesar disto tudo, é interessante notar que o conservador tem a consciência de que as coisas mudam, e é impossível frear o espírito do tempo, então sua luta é para que as mudanças sejam lentas, gradativas, que ocorram a conta gotas e não causem grandes vertigens. Já os reacionários, podem ser classificados como aqueles que querem impedir as mudanças a qualquer custo, mais do que isso, eles querem o retorno de um tempo julgado idílico, paradisíaco, uma era em que sua cosmovisão era majoritária, monopolista, mas que foi destronada pela “modernidade malvada”. Por isso, o reacionário reage a tudo aquilo que julga pernicioso, ele se torna um intolerante guardião da nostalgia. Na mente naufragada de um reacionário fundamentalista religioso, por exemplo, o século XVI, dos reformadores é a era de ouro, no máximo, ele avança até a Inglaterra puritana do século XVII, depois disso, em sua visão, o mundo ocidental se perdeu completamente, carecendo retornar ao domínio eclesiástico de um grupo denominacional com visão religiosa confessional. Um reacionário

fundamentalista deseja uma teocracia, mas que na prática, seria na verdade, mais afeita a uma “evangelicocracia” ou uma “eclesiocracia”, ou seja, o governo de uma igreja ou denominação, comandada não por Constituições humanísticas e, portanto, idolátricas, e sim por uma espécie de “sharia” evangélica, que controlaria os passos dos cidadãos ou súditos, desde o amanhecer até o deitar, interferindo no sistema de comércio, no sistema penal, cível e, principalmente nas áreas cultural e educacional de um país.

Pode-se afirmar que todo sistema religioso consolidado, luta para manter aquilo que considera a “pureza da ortodoxia”, às vezes usando de violência, física ou moral, contra aqueles que são considerados desviados dessa verdade tornada oficial. Nesta luta, o conservadorismo de uma tradição passa a ser o objetivo maior dos grupos que tentam monopolizar aquilo que entendem ser a verdadeira ortodoxia, em outras palavras, todo grupo religioso é conservador. Com as igrejas evangélicas no Brasil não foi diferente, apesar de várias denominações e suas subdivisões, pode-se dizer que os evangélicos no Brasil são aqueles que pertencem às igrejas do protestantismo histórico e dos desdobramentos pentecostais (pentecostalismo clássico, deuterpentecostalismo, neopentecostalismo, transpentecostalismo³). Debaixo desse guarda-chuva, apesar de suas diferenças doutrinárias e formas de organização, as igrejas cristãs não-católicas se autointitulam “evangélicas”, geralmente adotando a máxima distintiva de que “aceitam Jesus como único e suficiente salvador”. Todas as igrejas evangélicas são conservadoras, mas de uns tempos para cá, pode-se afirmar que a grande maioria delas, tornou-se “reacionária”. De onde vem tal reacionarismo que tomou as estruturas das igrejas evangélicas no Brasil?

Em primeiro lugar, sem dúvida, o reacionarismo das igrejas evangélicas vem do próprio fundamentalismo. Ensinadas a reagir contra tudo aquilo que consideram pernicioso à existência dos valores cristãos, num mundo ocidental acossado por princípios “comunistas”, essas igrejas foram estimuladas a ocupar espaços na sociedade. Se antes, os crentes viviam afastados do mundo para não se macularem com os vícios e pecados dele, o fundamentalismo os ensinou a tomarem as rédeas e comandarem as instituições no espaço público. Cada vez mais envolvidos com a política e em batalha declarada contra os valores julgados por eles como ameaças comunistas, os fundamentalistas passaram a cultivar a guerra cultural como meio de difusão de seus valores. Compreendendo-se em

3 Para maiores informações, ver o artigo, Transpentecostalismo: origens e aplicações de um conceito. Disponível em: https://www.religioneslatinoamericanas.com.mx/wp-content/uploads/2021/03/Textos_6-1-Gerson.pdf

guerra cultural sem proporções, os novos guerreiros da fé foram estimulados a se prepararem mentalmente e espiritualmente para os combates, não demorou muito para que influencers evangélicos percebessem o tamanho do nicho a ser explorado. Canais evangélicos foram criados usando os novos recursos das redes sociais e deixando as velhas doutrinas de lado, passaram a estimular os crentes a reconhecer os verdadeiros inimigos da fé cristã. Na esteira dos cursos, dos podcasts, dos memes e das frases de efeito, os fundamentalistas começaram a cultuar uma visão belicista e masculinizada do cristianismo, exatamente como tinha ocorrido nos Estados Unidos no contexto da Guerra do Vietnã.

A maioria não só apoiava a guerra do Vietnã, como também tinha os próprios militares em elevada (e muitas vezes acrítica) estima. Após terem passado duas décadas trabalhando para doutrinar valores morais e religiosos nas Forças Armadas, eles não tinham nada além de elogios às tropas estadunidenses. [Billy] Graham, por exemplo, que visitara as tropas na Coreia e no Vietnã, falava com admiração de homens que derramavam lágrimas viris ao caminharem até o altar para receber a Cristo. Os fundamentalistas estavam entre os apoiadores mais entusiasmados da guerra – uma guerra para impedir que “o comunismo ateu, com seus assassinatos, torturas e perseguições, viesse se apoderar das terras que clamam por nossa ajuda”. Segundo o líder fundamentalista Carl McIntire, “a Bíblia infalível [...] dá aos homens o direito de participar desses conflitos” e o conhecimento de que Deus estava do lado dos soldados estadunidenses; os cristãos abatidos em batalha seriam recebidos “nos mais altos céus”. [...] Quando as notícias de atrocidades estadunidenses começaram a se infiltrar nas linhas de combate domésticas, os evangélicos conservadores minimizaram a violência e defenderam equivalência moral. [...] Para o pastor batista Jerry Falwell, o soldado estadunidense no Vietnã continuava a ser “um testemunho vivo” do cristianismo e do “patriotismo” à moda antiga... o soldado era um campeão de Cristo. (Du Mez, 2022: 66-67)

A citação acima é reveladora em vários aspectos porque mostra como o acontecido recentemente no Brasil não passa de uma cópia do que havia ocorrido nos Estados Unidos. Primeiro se estabelece um inimigo imaginário, com ele se trava uma guerra cultural e de narrativas (que pode ou não virar uma guerra real), paralelo a isso, vem uma devoção ao belicismo, ao armamentismo, ao patriotismo e à masculinidade heroica a toda prova.

Em segundo lugar, o reacionarismo invadiu as igrejas evangélicas porque estas abraçaram os ideais fundantes do neoliberalismo econômico. As igrejas evangélicas foram desde sempre estimuladas a condenar os pecados, sejam eles

privados ou de instituições. Não é preciso nem dizer que a definição de pecados individuais e institucionais é algo seletivo, condena-se algumas coisas e fecha-se os olhos para outras. Um grande problema, na verdade, um problema crônico do Brasil é a corrupção endêmica que acompanha nossa história. Com as constantes denúncias e veiculações de casos de corrupção nas mídias, o fundamentalismo inoculou em setores das igrejas evangélicas no Brasil, a ideia de que o Estado é o maior agente de corrupção que pode existir. Alimentados por um discurso neoliberal, que também encontra eco na cultura americana, não foram poucos evangélicos que começaram a defender o liberalismo econômico como salvação das práticas corruptas. Os herdeiros brasileiros das ideias basilares da *Sociedade Mont Pèlerin*, fundada em 1947, no contexto do Pós-Guerra, momento em que é cunhada a expressão neoliberalismo, foram hábeis em plantar, principalmente na juventude, os ideais que demonizavam o Estado.

O neoliberalismo tinha o franco objetivo de dismantlar o Estado social, seja privatizando-o (a revolução Reagan-Thatcher), seja delegando suas tarefas (a “Grande Sociedade do Reino Unido e os “mil pontos de luz” de Bush), seja eliminando completamente tudo o que resta de bem-estar social ou “desconstruindo o Estado administrativo” (objetivo de Steve Bannon para a presidência de Trump). Em cada caso não é apenas a regulação e a redistribuição sociais que são rejeitadas como interferência inapropriada nos mercados ou como assaltos à liberdade. A dependência da democracia em relação à igualdade política também é aliçada. O ataque neoliberal ao social é fundamental para gerar uma *cultura antidemocrática* desde baixo, ao mesmo tempo em que constrói e legitima *formas antidemocráticas de poder estatal desde cima*. (Brown, 2019: 39)

É importante frisar que o modelo neofascista vivenciado como uma onda de extrema-direita em vários lugares do mundo na atualidade, é fruto do dismantlamento social produzido pelo neoliberalismo, já que este criou um verdadeiro Frankenstein que saiu do controle e adquiriu vida e vontade próprias. No Brasil, o crescimento numérico dos evangélicos coincide com a implantação de políticas neoliberais no início dos anos 90 do século XX.

Michel Foucault dizia que o neoliberalismo nada mais é do que “a reprogramação do liberalismo” (Brown, 2019: 18). Por isso, aqui neste trabalho, ora se usa neoliberalismo e ora se usa liberalismo. Os ventos do liberalismo econômico sopraram no interior das igrejas evangélicas no Brasil, por isso foram criadas organizações de empresários evangélicos, como a ADHONEP⁴

4 “A fundação da Adhonep (sigla que no início significava “Associação dos Homens de Negócio Pentecostais”) só aconteceu em 08 de novembro de 1976, quando o Dr. Marc

(Associação de Homens de Negócio do Evangelho Pleno) e o discurso de algumas lideranças religiosas viraram autoajuda, mal se diferenciado das mensagens dos coachs. Como ser liberal nos Estados Unidos implica em aceitar o pacote completo do liberalismo (econômico e de costumes, como por exemplo, o apoio ao aborto), no Brasil, os fundamentalistas reacionários começaram a se guiar pelo lema: “liberais na economia, tradicionais nos costumes”. A demonização do Estado e, conseqüentemente da política, abriu espaço para um novo campo de atuação dos evangélicos. Com a missão de expurgar os inimigos corruptos da política, eles foram estimulados a cada vez mais atuarem em partidos políticos, afinal, a guerra cultural passava por lá, onde se discutiria currículos escolares, incentivos culturais e a famosa pauta de costumes.

O fundamentalismo praticado no interior das igrejas evangélicas no Brasil produziu cristãos reacionários, raivosos e intolerantes. Nutridos pela nostalgia de um passado glorioso e próspero, eles deflagram uma guerra cultural no país. Como esta guerra precisava da legitimidade bíblica, os evangélicos, principalmente os pentecostais, adotaram os princípios da batalha espiritual e a teologia do domínio como elementos motivadores para o confronto.

2. A Batalha Espiritual como Teologia do Domínio

Uma marca importante do campo evangélico brasileiro, principalmente dos grupos pentecostais é o forte apego ao movimento de batalha espiritual. Nascido de uma experiência de um missionário norte-americano chamado James Ostram Fraser (1886-1938), que trabalhou na China, o movimento se espalhou como um rastilho de pólvora entre os pentecostais. Fraser, em seu ministério, não vinha colhendo os frutos que imaginava conquistar, ele começou a culpar os demônios pelo insucesso, tentando mostrar que as ações dos seres infernais é que impediam o avanço da igreja naquele país. Na tentativa de resolver seus problemas, ele desenvolveu uma técnica para “lançar fora”, para “expelir” os demônios, construindo as bases daquilo que viria a ser conhecido como ministério *ekbalístico*.

Burbridge, vindo dos Estados Unidos, reuniu-se na Assembleia de Deus de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, com o pastor Tulio Barros Ferreira, os empresários Custódio Rangel Pires e Antônio Regis Pessoa, e outros. [...] A Adhonet tem sido um veículo de ensinamentos de temas neopentecostais, como Maldição Hereditária, Confissão Positiva e Teologia da Prosperidade, por meio de oradores, em geral, pertencentes ou alinhados às fileiras do neopentecostalismo mundial e brasileiro: Marlin Hickey, Benny Hinn, Cindy Jacobs, Morris Cerullo, R.R. Soares, Jorge Linhares, Atila Brandão, Juanribe Palharim, Silmar Coelho, Silas Malafaia e outros”. (Araujo, 2007: 108).

A doutrina central do movimento de batalha espiritual é a compreensão de que todo mal existente no mundo, independentemente de sua natureza, é causado pela ação direta de um ou mais demônios. Eles teriam, segundo essa doutrina, a capacidade de afligir pessoas em particular, a igreja em seu campo de atuação e a sociedade em geral, portanto, todo mal moral, físico ou social têm como fundamento, a ação demoníaca. O ministério *ekbalístico* é a chave para perceber as ações demoníacas e atuar para neutralizá-las, por isso, a importância de repreender, proibir, controlar e amarrar os demônios. Os seguidores dessa doutrina,

... creem também que todos os problemas do indivíduo, da igreja e da sociedade são causados por demônios que estão instalados em posições estratégicas e geográficas (espíritos territoriais), cabendo à igreja a responsabilidade, segundo o movimento, de ir a esses demônios e anular a atuação deles (“amarrar o valente”). Com base nessa crença, para a igreja poder entrar, evangelizar e conquistar as pessoas para Cristo numa determinada região, primeiro tem que neutralizar os demônios, neutralizar suas fortalezas, tirar-lhes o domínio daquela região. Então, é preciso que os crentes aprendam a ser “guerreiros de oração”, preparados com as estratégias e as táticas para enfrentar o inimigo e conquistar seus territórios, principalmente fazendo o mapeamento espiritual (desenvolvido por George Otis), ou seja, descobrir onde estão localizados os demônios que controlam uma determinada região e quais os nomes deles. (Araujo, 2007: 627)

No Brasil, o movimento de batalha espiritual ganhou força a partir dos anos 1980, tornando-se uma ferramenta importante para aliviar a culpa de pessoas envolvidas com todo tipo de crime. Assassinos, estupradores, ladrões, estelionatários eram avisados que seus crimes não eram de suas responsabilidades, os verdadeiros responsáveis eram os demônios que atuavam nelas, sendo assim, estas pessoas poderiam recomeçar suas vidas sem nenhum tipo de empecilho. No processo de mapeamento dos demônios territoriais, é de fundamental importância que os guerreiros espirituais tomem aqueles territórios para Jesus, daí, a associação dos terreiros de umbanda com as ações demoníacas foi um passo muito pequeno. Os seguidores das religiões de matriz africana no Brasil, passaram a ser vítimas de intolerância religiosa e violência explícita. As notícias de espancamento de adeptos do candomblé e a destruição de terreiros de umbanda, viraram uma realidade cotidiana no país. Fernandinho Guarabu, o primeiro traficante evangélico do Brasil, que iniciou a relação promíscua entre a religião e o crime organizado, assunto que será explorado mais adiante, tinha atitudes que deixaram claro o nível de intolerância dos evangélicos com as religiões de matriz africana.

Em seus arroubos fundamentalistas, Fernandinho Guarabu havia dado ordens para fechar e destruir terreiros de umbanda no [morro do] Dendê, expulsando e ameaçando de morte pais e mães de santo da comunidade. O traficante também proibiu, às sextas-feiras, o uso de roupas brancas e adereços que, segundo ele, estavam relacionados às religiões de matriz africana. Guarabu só se referia ao movimento religioso como feitiçaria. [...] A paranoia do traficante era tamanha, que, numa manhã, ao ver uma galinha preta ciscando no terreno de uma das casas no Dendê, Guarabu mandou seus seguranças percorrerem os aviários da região para saber quem havia comprado a ave. Para Guarabu, a galinha preta fazia parte de algum feitiço de morte contra ele. Horas depois da aparição da penosa, o traficante foi avisado por um dos seus soldados que a ave havia escapado de um galinheiro nos fundos de uma casa próxima ao *bunker*. A galinha voltou ao poleiro, levada pelo dono, um evangélico, amigo de sua mãe. O episódio correu a favela, transformando o chefão do tráfico em motivo de piada. (Ramalho, 2024: 146-147)

Para a mentalidade pentecostal, adepta do movimento de batalha espiritual, a presença demoníaca é real e permanente, podendo se fazer presente em qualquer situação da cotidianidade da vida. Como o diabo e seus asseclas podem estar presentes nas escolas, nas empresas, na cultura e nos governos, os crentes precisam fazer orações de guerra, fato que foi colocando os evangélicos numa trincheira permanente, sempre preparados para o combate, seus cânticos e seu linguajar foram ficando carregados da disciplina e da lógica bélica, daí, para encontrarem no mundo real as afinidades com o discurso militarista, foi um passo.

O movimento de batalha espiritual é mais uma faceta da leitura fundamentalista da Bíblia, aqueles que afirmavam o declínio da religião no século XX, erraram fortemente, se em alguns lugares do mundo, ela perdeu força com a secularização, em outros, ela cresceu e assumiu feições de um radicalismo embalado por um pensamento mágico. De uma maneira geral, os religiosos fundamentalistas sentiam-se obrigados a reagir contra aquilo que consideravam um ataque aos princípios de sua fé. É interessante perceber que o núcleo base de reação é sempre a nação norte-americana, os Estados Unidos são os grandes exportadores de movimentos religiosos reacionários, expressões como *reconstrucionismo*, *dominionismo*, *mandato cultural*, *teonomia* e *teoconservadorismo*, passaram a fazer parte do vocabulário dos teólogos e crentes de igrejas acossadas pelo pensamento fundamentalista. É interessante notar que o fenômeno do fundamentalismo atingiu outros grupos religiosos além do cristianismo, congregando a todos em torno de uma pauta de costumes,

produzindo um ecumenismo reacionário. Um caso típico ocorreu nos Estados Unidos, envolvendo cristãos, judeus e católicos, todos devidamente acomodados nas fileiras do partido Republicano.

[...] o teoconservadorismo, importante corrente de direita americana na qual convergem católicos tradicionais, protestantes evangélicos e judeus neo-ortodoxos que, não obstante suas diferenças doutrinárias, partilham uma categórica condenação do declínio cultural da América e de sua decadência, pelos quais culpam movimentos reformistas no interior dessas denominações e aquilo que identificam como um ataque secular à religião de maneira mais genérica. Sua atenção tende concentrar-se nos “anos 1960” como a mais significativa ruptura na história política e religiosa americana, mas outros teoconservadores mais ambiciosos voltaram-se para períodos muito anteriores, chegando até a teologia católica medieval, para localizar onde começou a ladeira escorregadia. (Lilla, 2018: 16-17)

Como as igrejas evangélicas brasileiras não se cansam de copiar os modelos norte-americanos, temas que aparentemente não faziam o menor sentido em nossa cultura, começaram a ganhar visibilidade e passaram a mobilizar lideranças, que reuniam-se em congressos sobre tais assuntos, o que também se transformou numa grande indústria, que passou a movimentar muito dinheiro, na sequência, tais discursos passaram fazer parte dos sermões proferidos nas igrejas e assimilados pelos crentes. Se no universo pentecostal prevaleceu o movimento de batalha espiritual, no movimento das igrejas mais tradicionais do protestantismo histórico, a *teologia do domínio*, foi a catalisadora para congregar os fiéis em torno de um discurso comum. Neste caso, trata-se de um movimento mais racional, muito afeito ao gosto dos protestantes históricos, muito fundamentado no Antigo Testamento, mas com uma carga beligerante enorme. O pesquisador Eliseu Pereira, fez um breve e interessante apanhado sobre o desenvolvimento da teologia do domínio.

O termo reconstrucionismo deriva das ideias de R. J. Rushdoony, no sentido de reconstruir a nação e transformar todos os aspectos da cultura a partir de valores cristãos. Para Rushdoony, a educação era tarefa privativa da família, portanto livre da ingerência do Estado. Somente assim, seria possível deter a degradação moral do país. Teologia do Domínio (TD) é uma expressão mais ampla e popular, usada tanto na mídia como nos grupos evangélicos estadunidenses, para além da teologia calvinista-reformada. O termo domínio deriva da interpretação particular de Gênesis 1.28 — “dominai a terra” — aplicando-a, não ao ser humano em geral, mas restritivamente aos cristãos, como os únicos capazes de cumprir tal mandato. A TD expressa, segundo Diamond (1995, p. 246), “mais uma visão de mundo do que um discreto conjunto de princípios”.

Segundo M. Cunha (2020, p. 18), a TD é “a busca da reconstrução da teocracia na sociedade contemporânea, no cumprimento da predestinação dos cristãos/ãs ocuparem postos de comando no mundo (presidências, ministérios, parlamentos, lideranças de estados, províncias, municípios, supremas cortes) – o domínio religioso cristão – para incidirem na vida pública”. O termo *dominionismo* é derivado e sinônimo de Teologia do Domínio. Por fim, *teonomia* (lit., lei de Deus) designa a visão segundo a qual as leis do país devem refletir as leis de Deus como constam na Bíblia, incluindo pena de morte, criminalização de condutas consideradas pecaminosas, escravidão por dívidas, limitação do poder do Estado etc. Para tanto, é necessário eleger parlamentares cristãos e preparar cristãos para ocuparem os tribunais em todas as esferas da União. (Pereira, 2023: 150-151)

A união do movimento de batalha espiritual e a teologia do domínio criou a cena perfeita para a atuação dos religiosos fundamentalistas reacionários no Brasil. Se a batalha espiritual detecta a presença de demônios territoriais aqui e acolá, nas empresas privadas e públicas, nas escolas e universidades, na cultura em geral e nas instituições governamentais, cabe aos guerreiros da fé, expulsar tais entidades, mas como a casa não pode ficar vazia, senão demônios piores ocuparão novamente aquele espaço (Lucas 11.24-26), a teologia do domínio apresenta-se como o movimento que oferece o repertório intelectual, recheado de reacionarismo para preencher os lugares deixados pelos agentes do mal.

Os evangélicos também sustentam um “cristianismo cultural”, tido como o “conjunto de traços culturais compartilhados pela maioria das pessoas”, independentemente de demonstração (Borda, op. cit.: 139). Essa concepção de maioria cultural (real ou imaginada) fornece o impulso para a chamada ‘guerra cultural’ a ser travada contra qualquer manifestação considerada contrária aos ditos ‘valores judaico-cristãos’. No Brasil, essa supremacia cristã se expressa no desejo de prover cargos públicos de todos os poderes da República com pessoal evangélico, como Damares Alves, ministra da Família, e André Mendonça, ministro “terrivelmente evangélico” no STF. Quando Bolsonaro assume postura pró-Israel, ele também acena para as expectativas escatológicas que unificam evangélicos de todo o mundo, ao tempo em que fortalece os projetos políticos de direita nos EUA e em Israel (Goldstein, op. cit.: 14). Os dominionistas, em geral, têm uma visão negativa do Estado, por isso o querem mínimo, restrito às funções de segurança e justiça. Eles criticam as políticas sociais como uma espécie de idolatria do Estado. É como se dissessem ‘ruim com o Estado mínimo, pior ainda com o Estado máximo’. Na utopia reconstrucionista, não haveria Estado, mas apenas o governo direto de Deus sobre as famílias, uma composição de teocracia com patriarcado, ou, como diz

Mariano (op. cit.: 94), a Teologia do Domínio “sonha com um direito divino dos evangélicos ao poder temporal”. Como isso não é possível, os dominionistas propõem que os cristãos exerçam os poderes do Estado, delegados diretamente por Deus. (Pereira, 2023: 165-166)

No Brasil, os grupos de direita e extrema-direita aprenderam a usar a religião de forma instrumental. Com mais de 60 milhões de evangélicos no país, quase todos envolvidos naquilo que julgam ser uma luta contra o mal, alimentados por discursos ideológicos promovidos dentro de bolhas de redes sociais, este grupo passou a ser um exército poderoso para fins políticos e o neofascismo brasileiro, capitaneado por Jair Bolsonaro, percebeu isso muito rapidamente. Contudo, é preciso ponderar que nem sempre as coisas saem conforme se imagina. O movimento de batalha espiritual e a teologia do domínio, interpretados literalmente, produziram através de campanhas de evangelização, a conversão de muitos traficantes, mas que ao contrário de passarem por uma *metanoia* (mudança de mente), por uma conversão, mudando seus hábitos e abandonando seus pecados, muito pelo contrário, continuaram em suas práticas antigas, mas agora, dizendo-se seguidores de Jesus Cristo, nascia assim a figura do “traficante”.

A associação entre religião e criminalidade acabou reconfigurando, em alguns lugares, a noção do sagrado. Um exemplo disso é o que ocorreu em alguns morros do Rio de Janeiro, nos quais os narcoevangélicos ou narcopentecostais, começaram a padronizar uma oração que deveria ser recitada toda manhã pelos criminosos e por moradores do local.

[...] o teoconservadorismo, importante corrente de direita americana na qual convergem católicos tradicionais, protestantes evangélicos e judeus neo-ortodoxos que, não obstante suas diferenças doutrinárias, partilham uma categórica condenação do declínio cultural da América e de sua decadência, pelos quais culpam movimentos reformistas no interior dessas denominações e aquilo que identificam como um ataque secular à religião de maneira mais genérica. Sua atenção tende concentrar-se nos “anos 1960” como a mais significativa ruptura na história política e religiosa americana, mas outros teoconservadores mais ambiciosos voltaram-se para períodos muito anteriores, chegando até a teologia católica medieval, para localizar onde começou a ladeira escorregadia. (Lilla, 2018: 16-17)

No Brasil, os grupos de direita e extrema-direita aprenderam a usar a religião de forma instrumental. Com mais de 60 milhões de evangélicos no país, quase todos envolvidos naquilo que julgam ser uma luta contra o mal, alimentados por discursos ideológicos promovidos dentro de bolhas de redes

sociais, este grupo passou a ser um exército poderoso para fins políticos e o neofascismo brasileiro, capitaneado por Jair Bolsonaro, percebeu isso muito rapidamente. Contudo, é preciso ponderar que nem sempre as coisas saem conforme se imagina. O movimento de batalha espiritual e a teologia do domínio, interpretados literalmente, produziram através de campanhas de evangelização, a conversão de muitos traficantes, mas que ao contrário de passarem por uma metanoia (mudança de mente), por uma conversão, mudando seus hábitos e abandonando seus pecados, muito pelo contrário, continuaram em suas práticas antigas, mas agora, dizendo-se seguidores de Jesus Cristo, nascia assim a figura do “traficante”.

A associação entre religião e criminalidade acabou reconfigurando, em alguns lugares, a noção do sagrado. Um exemplo disso é o que ocorreu em alguns morros do Rio de Janeiro, nos quais os narcoevangélicos ou narcopentecostais, começaram a padronizar uma oração que deveria ser recitada toda manhã pelos criminosos e por moradores do local.

Em agradecimento e louvor ao Deus dos Exércitos evangélico pelos tempos áureos vividos no Complexo, uma oração passa a ser realizada diariamente, logo ao amanhecer, por meio de aproximadamente quinhentos “radinhos” espalhados pelos soldados do movimento local e arredores. Clamando por proteção aos moradores da comunidade e por segurança dos policiais militares, o novo dono do morro não recorre mais às chagas de São Jorge, mas as substitui pelas do Cristo ressurreto, cavaleiro de guerra que garante a vitória dos evangélicos: “Senhor: Fazer com que a vida torta que eu vivo sirva pra ajudar as pessoas a viver uma vida melhor e direita. Senhor: Eu te peço, Senhor, que neste dia, nesta manhã, como em todos os dias, proteja os trabalhadores que saem agora para o trabalho. Proteja as crianças que saem para a escola. Senhor: Eu te peço proteção para os líderes comunitários desta comunidade. Que o Senhor ilumine suas cabeças e toque seus corações e os livre da ganância e do egoísmo e olhem para o bem, que busquem o melhor para nossos moradores sofridos e pesados pelos governantes poderosos. Senhor: Eu lhe peço proteção não para mim, mas para meus amigos. Que os livre da morte, Senhor, que eles não sejam mortos covardemente e que não matem nenhum polícia ou inimigo que venha atacar nossa favela. Em nome de Ti, Senhor, é só o que peço. Agora vamos orar uma oração que todos conhecem e que serve para todas as religiões: Pai nosso que está no céu...”. (Costa, 2023: 97-98)

Como é possível perceber, o Deus de uma moralidade inegociável, típico do pensamento do protestantismo histórico, foi completamente abandonado. Na batalha da vida real, o Deus guerreiro do Antigo Testamento é chamado

para proteger as ações dos criminosos. As fronteiras entre o bem e o mal são completamente borradas.

Apesar de pautados por uma ideia belicista extraída do Antigo Testamento, os grupos evangélicos fundamentalistas no Brasil, são motivados também por uma leitura bastante enviesada do Novo Testamento, principalmente envolvendo uma noção equivocada sobre o apocalipse e o arrebatamento. Recentemente o Brasil presenciou uma discussão sobre tais temas em pleno carnaval, quando duas cantoras muito famosas na cena cultural brasileira travaram um diálogo sobre essas temáticas num trio elétrico no carnaval de 2024.

Trata-se de uma conversa inusitada entre as cantoras Baby do Brasil e Ivete Sangalo no carnaval de Salvador. Com certeza foi o meme do carnaval 2024. Para facilitar nossa conversa, é preciso fazer um resumo da conversa escatológica, embalada pela folia de Momo. Convidada para fazer um dueto com Ivete Sangalo, no sábado de carnaval, dia 10 de fevereiro, Baby do Brasil usou o microfone para exercitar sua retórica de pastora evangélica, afirmando que “todos deveriam estar atentos porque entramos em apocalipse e o arrebatamento deveria acontecer entre 05 e 10 anos”, a resposta de Ivete foi mais surpreendente ainda, ela disse “que não deixaria o apocalipse acontecer”. Este diálogo maravilhoso, para alguns e “sem pé nem cabeça” para outros, podia ter acontecido numa igreja, num botequim ou num bloco de carnaval, como de fato aconteceu, prova viva de que a cultura brasileira é de uma riqueza sem igual.

Ao falar sobre o arrebatamento e o apocalipse, Baby despertou a curiosidade de muitas pessoas, que nos dias que se seguiram, queriam saber mais sobre tais assuntos. De fato, estes temas são muito populares nos meios religiosos, principalmente no segmento evangélico. Mas o que vem a ser isso tudo? O que se esconde por trás de uma exortação, aparentemente inofensiva? Os assuntos em questão enquadram-se naquilo que os teólogos chamam de “escatologia”, expressão originada de duas palavras gregas, *eschatós* e *lógos*, que significa “estudo das últimas coisas”. O arrebatamento aparece num texto do apóstolo Paulo, em que o mesmo, acreditando que veria ainda em vida, a segunda vinda de Cristo, desta vez para o juízo final, afirma: “Porquanto o Senhor mesmo dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo, ressuscitarão primeiro; depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos **arrebatados** juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor”. (1 Tessalonicenses 4.16-17)

O texto mencionado é alvo de múltiplas interpretações. Há quem entenda que a volta de Cristo desencadeará uma série de eventos fantásticos, os que morreram em Cristo hão de ressuscitar e os que estiverem vivos, serão elevados às alturas para um encontro com Jesus, que está vindo diretamente do céu; a partir de outros textos, depreende-se que será estabelecido um tribunal para julgar os vivos e os mortos (Juízo Final), na sequência serão estabelecidos novos Céus e nova Terra (Uma Nova Jerusalém Celestial que desce do céu) para os fiéis, mas para os réprobos, caberá a perdição eterna. Por isso, Paulo pode concluir que os vivos com corpos transformados (1Co 15.50-58) e os mortos ressuscitados, “estarão para sempre com o Senhor”. Nesta interpretação tradicional, temos uma sequência de eventos, todos ocorridos num único ato, pois o fim dos tempos chegou e não há corte de apelação.

A cantora Baby do Brasil não comunga dessa interpretação. Ela faz parte de uma corrente majoritária, típica do pentecostalismo brasileiro e, de outros grupos evangélicos, que acreditam no premilenismo (baseado em Apocalipse 20). Vale ressaltar que este também possui suas variações, o premilenismo histórico e o dispensacionalista, por exemplo. Para esta reflexão não virar um tratado teológico enfadonho, convém misturar e sintetizar as principais ideias das subdivisões da corrente premilenista. Precedido por guerras, fome, terremotos e epidemias e, uma grande tribulação, o arrebatamento e a segunda vinda de Cristo, acontecerão com o desaparecimento gradativo dos crentes, literalmente sequestrados por Cristo (os filmes da franquia “Deixados para Trás” retratam isso), que voltariam com ele na sequência para reinar sobre a Terra, por aproximadamente mil anos, através de um governo político, estabelecido na cidade de Jerusalém, fato este tão miraculoso, que faria muitos judeus reconhecerem o senhorio de Jesus, convertendo-se ao Cristo, reconhecendo-o como o Messias. Este reino político de Cristo, provavelmente com assento permanente no Conselho de Segurança da ONU, seria um período de grande prosperidade econômica, no qual o mal seria reduzido, mas não eliminado totalmente, até porque no final dos mil anos, haveria uma rebelião dos homens ímpios, que congregados por Satanás, que seria solto no final do milênio, sem causa aparente, tentariam acabar com o governo do Messias das nações, contudo, haveria uma resposta imediata do céu, que mandaria fogo sobre os ímpios, determinando a derrota definitiva de Satanás e seus rebelados. Como se pode observar, esta segunda interpretação, que mescla o arrebatamento e o apocalipse é o que fundamenta a fala de Baby do Brasil.

A fala de Baby do Brasil revela como pensam os fundamentalistas brasileiros, evidenciando alguns comportamentos e algumas opções políticas

feitas por grupos religiosos no Brasil nos últimos tempos. A nação de Israel, comandada atualmente por Benjamin Netanyahu e seus aliados ultraortodoxos, é peça central neste jogo apocalíptico. Faz parte de tal visão de mundo a retirada de embaixadas de Tel Aviv, mudando-as para Jerusalém, bem como é possível compreender por que religiosos cristãos fundamentalistas carregam orgulhosos a bandeira de Israel em manifestações da extrema-direita no país. A volta de Cristo, para determinados grupos religiosos é uma obra aberta, que encerra parcialmente a história humana, abrindo um tempo novo de oportunidades para o exercício político dos crentes, que certamente querem superar as formas e os sistemas de governo, julgados por eles como obsoletos, (monarquia, aristocracia, politeia, democracia, república, presidencialismo, parlamentarismo) inaugurando uma espécie de “evangelicocracia” na face da Terra. Entre o arrebatamento e o apocalipse, esconde-se um projeto de poder político. Se o encontro de Baby do Brasil e Ivete Sangalo foi algo excêntrico, imagine Jesus discursando na abertura da Assembleia Geral da ONU, sendo observado atentamente por Milei, Erdogan e Netanyahu.

Batalha espiritual, teologia do domínio, premilenismo, arrebatamento são expressões que fazem parte de um caldo de cultura que foi sendo produzido ao longo de muitos anos. O crescimento numérico dos evangélicos no Brasil e a penetração deles na cena secular, faz parte de uma teologia política, que traz em si o germe de um projeto autoritário, profundamente reacionário, que pouco se preocupa com a coerência do mesmo e com os ensinamentos de Jesus. Amantes do poder dos homens, tais grupos fundamentalistas usam Jesus simplesmente como um pretexto para suas ações carregadas de ódio. Neste sentido, os grupos evangélicos fundamentalistas no Brasil não se escandalizaram quando Jair Bolsonaro se propôs em seu ser porta-voz. Sua vida pregressa e seu discurso de ódio, eram relativizados pelos religiosos, que passaram a vê-lo como um ungido de Deus para realizar uma missão; missão esta que colocaria definitivamente os religiosos no poder. No próximo tópico, mostraremos como Jair Bolsonaro, acostumado a se envolver com milícias armadas, articulou a organização de milícias evangélicas no Brasil, uma espécie de tropa de choque que está sempre pronta para defendê-lo em qualquer circunstância.

3. Bolsonaro e as milícias: o Escritório do Crime e as Milícias Evangélicas

Jair Bolsonaro foi um “mau militar” que conspirou contra a própria instituição nos anos de 1980, sendo expulso do Exército, mas graças ao corporativismo reinante, conseguiu fazer um acordo para manter seus privilégios

como militar da reserva, sendo inclusive elevado ao posto de capitão. O repórter Luiz Maklouf Carvalho, em seu livro intitulado: *O Cadete e o Capitão: a vida de Jair Bolsonaro no quartel*, oferece detalhes de como esse processo foi articulado. Fora das Forças Armadas, Jair Bolsonaro foi eleito para cargos públicos e sempre foi visto com muita desconfiança nos meios políticos, orbitando o espaço do chamado “baixo clero”, alcunha dada aos políticos medíocres, que apesar de eleitos para representar um nicho, eram irrelevantes na conjuntura nacional. Contudo, sua sorte começou a mudar no início dos anos 10 do século XXI, quando começou a ter sua imagem tornada palatável, graças a aparições em programas de variedades e de comédia na TV brasileira. Mas o que de fato representou uma mudança radical em sua vida, foi a aproximação com os evangélicos. Em seu terceiro casamento, uniu-se a uma jovem assessora parlamentar chamada Michelle. Eles se casaram no civil em 2007, mas em 2013, uniram-se num casamento religioso, sob as bênçãos do pastor da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, Silas Malafaia. Michelle Bolsonaro, uma evangélica pentecostal, foi mostrando a Bolsonaro que era possível ampliar sua penetração junto a um novo eleitorado. Ela estava certíssima, o Bolsonaro dos nichos saudosistas de militares da reserva havia furado a bolha e despontava com um representante poderoso para cumprir os objetivos políticos dos grupos religiosos fundamentalistas.

O momento simbólico mais importante para se compreender a relação entre Bolsonaro e os evangélicos é o dia 05 de junho de 2013. Nesta data, o deputado católico, ainda neófito nos assuntos caros aos evangélicos, foi guindado à condição de maior defensor das pautas deste grupo. O pastor Silas Malafaia e outras lideranças evangélicas conseguiram reunir cerca de 40 mil manifestantes na Esplanada dos Ministérios. Os evangélicos estavam protestando contra a aprovação do projeto de lei n.122, conhecido como Lei Anti-homofobia. Contando com o apoio de católicos conservadores, os líderes evangélicos conseguiram gerar uma revolta nos fiéis porque diziam que o projeto poderia levar à prisão, tanto de pastores quanto de padres que se recusassem a realizar a cerimônia religiosa entre pessoas do mesmo sexo. Bolsonaro, iniciando sua carreira como defensor da pauta de costumes, foi convidado para o ato, mesmo não sendo da bancada evangélica.

Um a um, pastores e políticos evangélicos, como o Senador Magno Malta e o deputado Marco Feliciano, discursaram para a multidão apaixonada. De braços erguidos, os fiéis entoavam cânticos ao Senhor e atacavam o aborto, o feminismo, o casamento gay e a ideologia de gênero, sobretudo nas escolas. Formava-se ali uma cruzada para barrar o avanço não apenas do PL 122, mas dos movimentos sociais mais progressistas, preocupados com os direitos das minorias. A certa altura, Jair Bolsonaro foi chamado

a falar. Com um discurso curto, mas contundente, como é do seu feitio, disse que a esquerda queria desvirtuar ‘as nossas criancinhas’, criticou a perseguição religiosa e soltou seu brado de guerra: ‘Brasil acima de tudo’. Após uma brevíssima pausa, encarou a multidão de fiéis e, numa ação espetacular de marketing político, acrescentou: ‘E Deus acima de todos’. O público foi ao delírio. Naquele instante, Bolsonaro teve certeza de que havia conquistado uma parcela significativa do eleitorado brasileiro – os evangélicos, naquela época, já representavam quase 30% da população. (Dieguez, 2022: 75)

Desde esse evento em diante, Bolsonaro passou a investir muito mais na imagem de homem temente a Deus, tentando com isso, angariar apoio e votos de grupos religiosos. Bolsonaro define-se como um católico, mas ele conseguiu promover uma espécie de “ecumenismo reacionário” que aproximou católicos e evangélicos. Começava ali a relação promíscua entre o neofascismo bolsonarista e as igrejas evangélicas. Uma verdadeira milícia religiosa foi formada para apoiar o pretensioso político em todas as suas abominações.

O apoio evangélico não foi obtido por acaso. Ao contrário, foi fruto de uma estratégia deliberada por parte da campanha do candidato. Cabe destacar que, em maio de 2016, Bolsonaro foi batizado nas águas do rio Jordão pelo pastor Everaldo, membro da Assembleia de Deus (Ministério Madureira). A campanha de Bolsonaro usou slogans carregados de referências religiosas, tais como ‘E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará’ (João 8.32), e ‘Brasil acima de tudo, Deus acima de todos’. Alguns dos mais importantes apoiadores de sua campanha eram evangélicos. Entre eles, pode-se destacar o senador Magno Malta (Partido da República, PR) e o deputado Onyx Lorenzoni (Democratas, DEM), que, com a vitória de Bolsonaro, tornou-se ministro da Casa Civil. Bolsonaro recebeu apoio das principais lideranças pentecostais brasileiras, tais como Edir Macedo (fundador e líder da IURD), Romildo Ribeiro Soares (líder da Igreja Internacional da Graça de Deus), Valdemiro Santiago (líder da Igreja Mundial do Poder de Deus), Estevam e Sônia Hernandes (líderes da Igreja Renascer em Cristo), Robson Rodovalho (líder da Igreja Sara Nossa Terra), Silas Malafaia (líder do Ministério Vitória em Cristo – AD), José Wellington Bezerra da Costa (líder do Ministério Belém – AD) e Mário de Oliveira (presidente da Igreja do Evangelho Quadrangular do Brasil). (Nobre, 2022: 149-150)

Os nomes citados acima são os líderes de verdadeiras milícias evangélicas dispostas a lutar por Bolsonaro em qualquer circunstância, enganando quem acredita que eles são inofensivos na ação política. Com forte penetração midiática, donos de programas televisivos e radiofônicos, alguns até mesmo donos de redes de televisão, estes líderes religiosos são capazes de mobilizar milhares de pessoas em pouquíssimo tempo para agirem em defesa daquilo que

consideraram ser o essencial de sua fé. Isso tudo sem falar nas milícias digitais, aquelas que mobilizam robôs para propagarem fake News contra os adversários políticos na internet. Claro que nestas milícias também a participação evangélica é notória, principalmente quando a pauta é baseada em costumes e assuntos religiosos. Alimentadas pelo discurso de ódio bolsonarista, acreditando que cumprem uma missão sagrada no planeta Terra, estimuladas pela batalha espiritual e pela teologia do domínio, as milícias evangélicas se organizaram em trincheiras culturais para defender o seu “mito”. Trocaram o Cristo da Bíblia por um falso messias.

Como já foi pontuado neste trabalho, por diversas vezes, os Estados Unidos servem como paradigma para a ação dos evangélicos brasileiros. No que tange ao aspecto bélico, a guerra de independência dos Estados Unidos (1775-1783) é uma fonte inesgotável de histórias que unem religião e ações militares corajosas, seja no exército formal ou nas milícias organizadas a partir de 1775. No ano de 1774, os colonos americanos reagiram às chamadas *Leis Intoleráveis* (conjunto de leis inglesas extremamente prejudiciais aos colonos), convocando o Primeiro Congresso Continental da Filadélfia, cujo objetivo era discutir medidas em conjunto contra a metrópole. Para garantir a execução das resoluções tomadas pelo Congresso, foram criados os *comitês de segurança* e foram criadas também as milícias de cidadãos comuns, muitos deles, crentes das mais variadas igrejas protestantes, que estariam aptos a pegar em armas “em um minuto”, por isso, eles ficaram conhecidos como *Minutemen*. Depósitos de armas foram criados em lugares estratégicos para facilitar a ação das milícias. A quantidade de sermões defendendo a guerra é algo que impressiona, a religião foi literalmente colocada a favor de uma causa bélica.

Rev. William Graham, pastor da Timber Ridge and Hall’s Meeting House e reitor da Liberty Hall, encorajou os membros de sua congregação a se alistarem, e ele mesmo serviu como capitão; John Brown e Archibald Scott, pastores vizinhos, entram calorosamente no conflito e exortaram as pessoas a lutar por suas liberdades; Dr. James Waded foi um dos primeiros e mais fervorosos defensores da liberdade que emanava do púlpito; Moses Hoge interrompeu sua preparação para o ministério da Palavra para servir ao exército da Revolução; e John Blair Smith foi um patriota ativo e capitão de uma companhia de estudantes do Hampden-Sidney College, do qual ele foi presidente. [...] Reverendo John Todd, pastor da Providence Presbyterian Church, foi eleito membro do Comitê de Segurança no Condado de Louisa, ele serviu também como tenente do condado, com a patente militar de coronel e como capelão da milícia do condado. (Thompson, 1963: 94)

Como se pode perceber, pastores e membros de igreja se envolveram na guerra de independência nos Estados Unidos, muitos organizados em milícias armadas para combater aquilo que julgavam ser uma opressão. No Brasil, o mesmo espírito belicista foi apropriado por líderes religiosos que insuflaram nos crentes a ideia de que estavam lutando por suas liberdades quando engrossaram as fileiras do Bolsonarismo. Lutando contra “inimigos espirituais”, muitos evangélicos se deixaram seduzir e serviram como massa de manobra para uma causa neofascista. Quando evangélicos invadiram os prédios dos Três Poderes em Brasília, no dia 08 de janeiro de 2023, cantando hinos e cânticos de louvor a Deus, muitos imaginaram estar servindo a uma causa nobre e espiritual, mas na verdade, estavam servindo a interesses particulares de um “mau militar aposentado” que aprendeu a usar a religião de forma instrumental. As milícias evangélicas usadas por Bolsonaro depõem contra o ideal de liberdade e contra os princípios básicos do cristianismo. Certamente as milícias evangélicas brasileiras escreveram uma página horrorosa da história do cristianismo na América Latina.

Se o assunto é milícia, Bolsonaro é expert. As milícias armadas, como as conhecemos na atualidade, nasceram no Rio de Janeiro, berço político de Bolsonaro e seu clã, graças à inação do Estado, com profundas raízes na insegurança pública reinante naquele local. As milícias cariocas são grupos paramilitares formados por policiais civis e militares, bombeiros e ex-integrantes dessas forças, que passaram a concorrer com os traficantes pelo controle territorial de uma determinada região. Como verdadeiros senhores feudais, os milicianos passaram a oferecer, com o tempo, além de segurança privada mediante pagamento, a venda de botijões de gás, água mineral, TV a cabo e internet. O kit com televisão e internet é chamado nas comunidades de “gatonet”, o combo é desviado de operadas que são as verdadeiras donas de tais produtos. Com tamanho poder paralelo, os milicianos, atuando simultaneamente como agentes do Estado e bandidos, conseguiram impor pela força, um poder colossal nas comunidades pobres do Estado do Rio de Janeiro.

Entre os soldados cooptados pelo sistema miliciano, estava o maior matador de aluguel a soldo do país, o ex-capitão do Bope (Batalhão de Operações Especiais – PMERJ), apontado como o chefe de uma milícia conhecida como *Escritório do Crime*, Adriano da Nóbrega. Na verdade, o “decaído” (alcunha dada para policiais que trocam de lado e passam a servir

ao crime), Adriano da Nóbrega, foi colocado no Bope como um infiltrado pelas mãos de bicheiros⁵ do Rio de Janeiro. O envolvimento de Bolsonaro com Adriano da Nóbrega vem de longa data, na verdade desde o início dos anos 2000, quando o jovem parlamentar Flávio Bolsonaro (hoje Senador da República pelo Estado do Rio de Janeiro), filho de Jair Bolsonaro, foi eleito para uma cadeira na Assembleia estadual do Rio de Janeiro.

Vítima de um assalto na cidade, Flávio Bolsonaro teve seus pertences recuperados pelo, naquela época, Tenente PM Adriano Magalhães da Nóbrega, tal fato fez o jovem deputado apresentar no dia 24 de outubro de 2003, uma moção de louvor e congratulações ao policial, que segundo Flávio, atuava com “dedicação, brilhantismo e galhardia”. Apenas trinta e três dias depois da honraria recebida, Adriano da Nóbrega comandou sessões de tortura, seguida de execução do guardador de carros Leandro dos Santos Silva, no galpão de uma fábrica abandonada em Cordovil, bairro carioca.

Preso por essa e outras mortes, o miliciano Adriano da Nóbrega recebeu ainda mais honrarias da família Bolsonaro, que usava a máquina pública para tentar recuperar a imagem do policial violento que agia à margem da lei. Em 2005, Flávio Bolsonaro apresentou requerimento à mesa diretora da Assembleia Legislativa para conceder ao policial preso, a Medalha Tiradentes, simplesmente a maior honraria do Poder Legislativo carioca. Preso no Batalhão Especial Prisional, Adriano da Nóbrega recebeu a honraria e ouviu com um certo desdém os discursos ritualísticos proferidos pelas autoridades presentes. Estavam entre elas, Flávio Bolsonaro e Jair Bolsonaro, vale ressaltar que este havia se deslocado de Brasília apenas para aplaudir o oficial preso.

Não foi a única vez que Bolsonaro se deslocou de Brasília para participar da vida de Adriano da Nóbrega. No dia do seu julgamento, Jair Bolsonaro se prontificou a ser testemunha do réu.

Na tarde de segunda-feira, 24 de outubro de 2005, o patriarca da família, numa atitude inédita, se predispôs a defender Adriano na justiça. Jair compareceu ao julgamento como testemunha de caráter de Adriano da Nóbrega. A presença do deputado federal na sala de audiência do Tribunal do Júri não evitou a condenação do oficial, mas serviu como demonstração

5 Os bicheiros são mafiosos que exploram uma loteria, um jogo de azar muito popular na cidade do Rio de Janeiro, mas que é proibido por lei

de prestígio do jovem tenente da PM. Ao falar sobre o oficial durante o julgamento, ele o tratou inicialmente como Adriano, numa demonstração de proximidade com o tenente. A partir daí, o parlamentar passou a enaltecer o policial, descrito como herói, desvalorizado numa sociedade que reverencia bandidos. Ao mesmo tempo que exaltava Adriano, o parlamentar acusou a vítima e as testemunhas de defesa de ligação com o tráfico de drogas, o que levou o juiz Luiz Noronha Dantas a chamar a sua atenção por duas vezes. Naquele instante, Adriano da Nóbrega passava a integrar a galeria de heróis de Bolsonaro, juntamente com o torturador Carlos Alberto Brilhante Ustra, cultuado pelo clã Bolsonaro como herói nacional. (Ramalho, 2024: 121)

Mesmo com o apoio de Bolsonaro, o oficial miliciano foi condenado a dezenove anos e seis meses de prisão. Não contente com a decisão, o deputado federal medíocre, que havia se especializado em distorcer fatos, criando narrativas deslocadas da realidade, que abusava dos estereótipos, que inflacionava números e fazia da mentira sua maior arma, alguns dias depois da condenação, foi até a tribuna da Câmara para falar por pouco mais de seis minutos, defendendo seu pupilo. Como uma forma de compensação, Flávio Bolsonaro nomeou a mulher e a mãe do oficial em seu gabinete, na Assembleia Legislativa do Rio. Elas faziam parte do esquema de “rachadinhas” do gabinete do deputado, prática ilegal, mas comum no núcleo político da família Bolsonaro. O esquema consiste em contratar assessores parlamentares, que trabalhem efetivamente ou simplesmente sejam funcionários-fantasmas, e reter parte do salário destes funcionários, enriquecendo de forma ilícita o contratante.

Entre 2005 e 2020, muita coisa aconteceu, Adriano da Nóbrega virou um bicheiro poderoso no Rio de Janeiro e ganhou muito dinheiro tornando-se um matador de aluguel, que cobrava caro por suas mortes. Bolsonaro, com o apoio das forças reacionárias do país, entre elas, a milícia evangélica, foi eleito Presidente da República. Entre 2019 e 2020, enquanto um estava nos píncaros da glória, o outro caiu em desgraça. Adriano da Nóbrega foi do céu ao inferno. Foragido da justiça, o chefe do *Escritório do Crime*, no dia da sua morte numa área rural do Estado da Bahia, depois de longos períodos de fuga, queria falar com Flávio Bolsonaro e telefonou para este diversas vezes, mas desta vez não foi atendido. O oficial da tropa de elite da PM do Rio estava só e acabou morto num tiroteio com o BOPE da Bahia. Na tentativa de prender Adriano da Nóbrega, o Ministério Público havia grampeado parentes e amigos do miliciano, o nome de Jair Bolsonaro era

constantemente citado nestas conversas, mas estranhamente quando isso ocorria, as escutas eram encerradas.

Não era a primeira vez que o nome do então Presidente da República havia sido mencionado em conversas de aliados de Adriano da Nóbrega nas interceptações telefônicas autorizadas pela justiça. “Jair”, “Presidente” e o “Cara da Casa de Vidro”, supostamente uma referência à fachada envidraçada dos palácios do Planalto, sede do Executivo, e do Alvorada, a residência oficial, apareceram em vários diálogos captados. [...] sempre que o nome de Bolsonaro era mencionado por um dos suspeitos de dar proteção à fuga de Adriano, o Ministério Público encerrava as escutas nos aparelhos dos investigados. (Ramalho, 2024: 221)

A ligação de Bolsonaro com as milícias é amplamente documentada, não é possível duvidar disso. Em discursos oficiais ou em entrevistas, não foram poucas as vezes que Bolsonaro exaltou o papel das milícias. Sua luta incessante para a liberação de armas para a população, no fundo, serve à causa milicianista, pois é uma forma deste grupo ter acesso a armas de uma forma legalizada. O poder paralelo das milícias corrói o poder do Estado e já causa reflexos irreversíveis na democracia brasileira, pois há lugares em que os cidadãos só podem votar em candidatos indicados pela milícia que comanda a região. No plano religioso não é diferente, as milícias evangélicas, organizadas para uma guerra espiritual, com reflexos muito reais, haja vista o que ocorreu na tentativa de golpe de Estado em janeiro de 2023, atuam para destruir a democracia como a conhecemos hoje em dia e instalar um governo de caráter religioso. Na convergência de interesses entre grupos fundamentalistas religiosos no Brasil e Jair Bolsonaro, quem perde é a democracia no país.

Considerações Finais

Infelizmente não é possível concluir de maneira satisfatória toda a história envolvendo Jair Bolsonaro e os evangélicos fundamentalistas no Brasil. Afinal, a relação entre eles continua mais viva do que nunca. O que mais impressiona é que muitas pessoas que militam a favor da causa neofascista no Brasil, não tem a menor ideia de que estão sendo usadas como massa de manobra. É verdade que tiveram inúmeras oportunidades para reverem seus posicionamentos, mas a lavagem cerebral foi tão bem-feita que é impossível argumentar racionalmente com elas. Neste trabalho,

houve um esforço de mapear a construção de uma relação muito estranha entre Jair Bolsonaro e os reacionários fundamentalistas brasileiros, que uniram-se num projeto de tomada de poder. Os próximos passos destes entes são imprevisíveis, a única certeza que se pode ter é que há uma voracidade enorme de ambos, na busca de ocupação da cena pública.

Enquanto a relação entre Bolsonaro e os evangélicos fundamentalistas estiver intacta, o Estado Democrático de Direito no Brasil sofre risco de golpe. A conferir as próximas cenas desta tragédia.

Referências

ARAUJO, I. de. (2007) *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD.

BROWN, W. (2019) *Nas Ruínas do Neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*. São Paulo: Politeia, 2019.

CAMPOS, B. M. (2022) *Fundamentalismos religiosos em perspectiva: diferentes abordagens das Ciências da Religião*. São Paulo: Pluralidades.

CARVALHO, L. M. (2019) *O Cadete e o Capitão: a vida de Jair Bolsonaro no quartel*. São Paulo: Todavia.

COSTA, V. (2023) *Traficantes evangélicos: quem são e a quem serve os novos bandidos de Deus*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil.

DIEGUEZ, C. (2022) *O Ovo da Serpente: Nova Direita e Bolsonarismo: seus bastidores, personagens e a chegada ao poder*. São Paulo: Companhia das Letras.

DREHER, M. N. (2002) *Para entender o Fundamentalismo*. São Leopoldo: UNISINOS.

DU MEZ, K. K. (2022) *Jesus e John Wayne: como evangelho foi cooptado por movimentos culturais e políticos*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson.

HALL, D. W., PADGETT, M. (Orgs.) (2017) *Calvino e a Cultura*. São Paulo: Cultura Cristã

LILLA, M. (2018) *A Mente Naufragada: sobre o espírito reacionário*. Rio de Janeiro: Record.

MANSO, B. P. (2023) *A Fé e o Fuzil: crime e religião no Brasil do século XXI*. São Paulo: Todavia.

MORAES, G. L. de. (2020) Transpentecostalismo: origens e aplicações de um conceito. *Religiones Latinoamericanas Nueva Época* N. 6, julio-diciembre 2020, pp. 11-28, ISSN: 0188-4050. Disponível em: https://www.religioneslatinoamericanas.com.mx/wp-content/uploads/2021/03/Textos_6-1-Gerson.pdf

NOBRE, M. (2022) *Limites da Democracia: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro*. São Paulo: Todavia.

PEREIRA, E. (2023) Teologia do Domínio: uma chave de interpretação da relação evangélico-política do Bolsonarismo. *Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, 76, 147–173, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2023v76p147-173>.

PETCHER, D. (2017) “Calvinismo e Ciência”. In: *Calvino e a Cultura*. São Paulo: Cultura Cristã, pp.175-203.

RAMALHO, S. (2024) *Decaído: a história do capitão do BOPE Adriano da Nóbrega e suas ligações com a máfia, a milícia e o clã Bolsonaro*. São Paulo: Matrix.

REUNIÃO MINISTERIAL DO GOVERNO BOLSONARO – 05 DE JULHO DE 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LsWU-Xo_smk

THOMPSON, E. T. (1963) *Presbyterians in the South, volume one: 1607-1861*. Richmond: John Knox Press.

TILLICH, P. (2019) *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2019. 8ª ed. ampliada.